

A ordem moral, para S. Tomás, fundada na natureza humana e nos seus fins, também não se põe em abstracto. S. Tomás nos fala do conselho, que é a exploração consciente da singularidade circunstancial, frente a que o juízo prático decidirá de maneira livre e responsável a aplicação do preceito.

CONCLUSÃO

Não propomos uma conclusão a esta exposição. Nos limites de um artigo, precisamos concluir. Não defendemos uma tese. Apresentamos uma meditação pessoal sobre alguns pontos, tomados como mostragem. Não nos preocupamos em mostrar parecenças com o pensamento moderno. Julgamos que o pensamento de S. Tomás, do qual tomamos alguns aspectos, nada tendo dito sobre o seu pensamento estético ou religioso propriamente dito, tem uma presença nos nossos dias.

Também não queremos fazer comparações. Mas achamos válido ressaltar que, enquanto a humanidade mergulha cada vez mais num mar de problemas cuja complexidade se avoluma, a expressão típica do pensamento filosófico moderno se questiona sobre o pensar, sobre o método, incapaz de cercar e formular os problemas com os quais o mundo se consome. Será isso actualidade? Será isso realismo? Rejeita-se em bloco o pensamento de S. Tomás face ao cliché de ultrapassado, e inatural, pelo facto de que S. Tomás viveu na Idade Média.

Para nós, há um pensamento de S. Tomás a ser explorado e conhecido, se formos capazes de quebrar o invólucro com que tem sido exposto, em segunda mão. Ao S. Tomás de compêndios, de pálida imagem do seu justo pensar, a uma exposição «de consumo» por assim dizer, julgamos poder esperar o surgimento de um S. Tomás mais completo, em que o seu pensamento apareça no seu espírito e na sua força, e não apenas no que nós, com categorias limitadas, fazemos aparecer.

A doutrina e o exemplo de São Boaventura *

PAULO VI

São Boaventura, que habitualmente é denominado o Doutor Seráfico e cujo sétimo centenário da morte está a ser celebrado este ano, refulge ainda nos nossos dias pela excelência da sua ciência e da sua virtude. Este ano é notável também pela celebração do sétimo centenário da morte de São Tomás de Aquino, de modo que podem ser louvados juntos estes dois varões, ornamento da Igreja, que morreram no

* É uma carta do Papa, com data de 15 de Julho de 1974, aos Ministros Gerais das três Famílias Franciscanas, no sétimo centenário da morte do Doutor Seráfico. Veio inserida em «L'Osservatore Romano», ed. portuguesa, em 1/IX/1974, pp. 4-5. Daí a tiramos, com eliminação apenas das referências pessoais de saudação.

cumprimento da elevada missão que dela haviam recebido: o primeiro, de facto, faleceu quando, por ordem do Sumo Pontífice, se dirigia para o II Concílio Ecuménico de Lião; o segundo, isto é, São Boaventura, quando este Concílio estava para terminar, precisamente no dia 15 de Julho de 1274.

O DOUTOR SERÁFICO

Este mesmo Santo pode também iluminar a nossa época, e apraz-nos dizê-lo usando as palavras do nosso predecessor, São Pio X: «Julgamos realmente que São Boaventura, como os grandes doutores da Igreja, não só foi dado por Deus ao seu século, mas a toda a posteridade; por isso, pode ser de grande ajuda para a nossa época» (*Epistola «Doctoris Seraphici Sapientiam»,* 11 de Abril de 1904; Pii X, *Pontificis Maximi Acta*, I, pág. 235). Ora bem, o grande tema actual para o mundo católico é o da sua renovação, de modo que a doutrina e as normas salutares do Concílio Ecuménico Vaticano II sejam aplicadas fiel e continuamente, a fim de que a viva voz do Evangelho possa ressoar na Igreja, e, por meio dela, no mundo (cf. *Const. Dei Verbum*, n. 8). Esta renovação torna-se ainda mais urgente em vistas do Jubileu universal por nós já proclamado e cujo objectivo é o de fomentar uma conversão pessoal a Deus, que, por sua vez, favoreça a reconciliação colectiva. Portanto, todos os cristãos são chamados a uma intensa actividade, da qual São Boaventura foi promotor, mestre e impulsionador, actividade esta que consiste em infundir em todos a fé, em honrar a Deus e em edificar os costumes (cf. São Boaventura, «*De reductione artium ad theologiam*, 26; em *Opera Omnia*, ad Claras Aquas, V, pág. 325).

O Doutor Seráfico cumpriu esta missão, do mesmo modo que deve cumprir a qua'quer filho da Igreja, procurando, «segundo os dons e as funções que lhe foram confiadas, enveredar pelo caminho da fé viva, que excita a esperança e opera pela caridade» (*Lumen Gentium*, n. 41). E quanto ao estudo da teologia, a que se dedicava assídua e diligentemente, ele havia-o estruturado de modo «que começasse partindo da estabilidade da fé, prosseguisse pelo caminho sereno da razão e chegasse à suavidade da contemplação» (*De rebus theologis, Sermo 4, 5; em Opera Omnia, V, pág. 571*). E como o autor e o vértice da fé é Jesus Cristo (cf. *Heb. 12,2*), «em quem se consuma toda a revelação de Deus sumo» (*Dei Verbum*, n. 7) e le considerou-O principalmente como «o fundamento de toda a fé cristã... de toda a doutrina autêntica» (*De rebus theologis, Sermo 4, 5; em Opera Omnia, V, pág. 568*). E deste modo, sob a guia do Mestre supremo, Filho de Deus e Filho do Homem, muitas coisas que são inatingíveis pela mera razão humana, tornam-se compreensíveis à razão iluminada por Deus, a qual, por isso, se torna apta a «participar dos bens divinos que superam totalmente a capacidade da inteligência humana» (*Const. Dogm. Dei Filius*, cap. II, DS 3005, do Concílio Ecuménico Vaticano I), e pode obter uma certeza total acerca dos mesmos. Pois, embora a inteligência humana esteja, por assim dizer, intrinsecamente limitada por fronteiras muito pouco extensas e possa errar, apresenta-se, em certo sentido, transformada pela infalibilidade e pela imutabilidade do próprio Deus.

Mas nem por isso se deve pensar que nós cremos de forma irracional, «porque a graça e a luz infundidas do alto, não deformam a razão, mas dirigem-na» (São Boaventura, *Quaestiones disputatae de mysterio Trinitatis*, q. 1, a. 2, n. 3: *Opera Omnia, V, pág. 57*). Por isso, em vez de cedermos a um certo fideísmo, sentimos-nos, pelo contrário, impelidos a prosseguir a nossa busca racional, também pelo facto de nos

servirmos das mesmas realidades e termos que estão ao serviço das outras ciências, dado que a fé nos ensina que toda a realidade perceptível ou cognoscível conduz, dentro de si, de modo latente, ao próprio Deus (cf. São Boaventura, *De reductione artium ad theologiam*, 26: *Opera Omnia*, V, pág. 325).

TEÓLOGO E MESTRE DE ESPÍRITO

O estudo teológico não deve ser menosprezado pelos desvios que dele podem surgir e dos quais «dificilmente algum estudioso católico ficou imune» (São Boaventura, *In secundum librum sententiarum commentarium*, distinctio 15, dubium 3: *Opera Omnia*, II, pág. 390), desde que aqueles que estudam sejam levados pelo desejo de servir a verdade e reconheçam a sua força, que transcende qualquer espécie de juízo pessoal. Porque toda a verdade acerca de Deus e toda a manifestação de vontade que d'Ele provém não são fruto produzido só pela actividade humana, mas descem do Pai das luzes que «por Sua livre vontade é que nos gerou pela palavra da verdade, para que sejamos como que as primícias das Suas criaturas» (Tg. 1, 18). Não é, pois, lícito tergiversar nesta verdade, apresentando o certo como duvidoso, ou afirmando que o duvidoso é certo.

Mas toda a formulação última ou definitiva sobre as coisas divinas, compete ao magistério instituído por Cristo, dado que possui uma certa **conaturalidade** com a própria palavra de Deus; isto é, compete ao Magistério da Igreja, pois só a ele foi confiado o múnus de a interpretar autenticamente (cf. *Dei Verbum*, n. 10). Por conseguinte, ninguém pode ser discípulo fiel do Salvador Jesus se não respeitar fielmente aquele magistério que em Seu nome se exerce na Igreja. Estas duas fidelidades conferem ao estudo teológico uma singular prestância, pois o associam estreitamente com a própria missão salvífica da Igreja, dado que, graças à teologia se conhece com maior profundidade a vocação sobrenatural do homem e contribui-se para ela com a **persuasão** (cf. São Boaventura, *In primum librum sententiarum commentarium*, Proemium, q. 3, conclusio: *Opera Omnia*, I, pág. 13).

Como ensinou Cristo, nosso «principal Mestre» (cf. São Boaventura, *De rebus theologicis*, Sermo 4, 20: *Opera Omnia*, V, pág. 572), é necessário que honremos a Deus em todas as coisas.

Deve honrar-se a Deus, primeiro que tudo na sua natureza, a qual, transcendendo de forma total e absoluta a natureza humana, exige que nos entreguemos a Ele totalmente, pois, «Deus reina em nós, quando Lhe somos totalmente submissos» (São Boaventura, *In Evangelium Lucae commentarium*, cap. 11, 12: *Opera Omnia*, VI, pág. 280). E embora tanto o domínio de Deus como a nossa submissão a Ele só venham a ser completos no fim dos tempos, os discípulos do Senhor devem esforçar-se por ir realizando isto todos os dias.

Além disso, deve-se honrar a Deus, que actua através dos seus discípulos (cf. São Boaventura, *Quaestiones disputatae de perfectione evangelica*, q. 4, a. 1, 9: *Opera Omnia*, V, pág. 182), e, principalmente mediante aqueles ministros em cuja pessoa «o Senhor Jesus Cristo está presente no meio dos fiéis» (*Lumen Gentium*, n. 21). Em particular, devem honrar-se «os pastores da Igreja, pois quem os ouve, ouve a Cristo; quem os despreza, despreza a Cristo e Aquele que O enviou» (Ibidem, n. 20). Embora também os pastores tenham como cabeça Cristo, foram contudo constituídos como intérpretes intermediários entre os outros fiéis e Deus «a fim de lhes comu-

nicar a resposta divina», manifestada na palavra de Deus e que inclui tudo aquilo que é necessário para a salvação do homem: aquilo em que se deve crer, o que se deve esperar e o que se deve fazer (cf. São Boaventura, *Sermones de Beata Virgine Maria, De Annuntiatione Sermo 4, 2: Opera Omnia, IX, pág. 674 b; In Exaëmeron commentarium, Collectio II, 13: Opera Omnia, V, pág. 338*).

HOMEM DA IGREJA

E como entre os sagrados pastores que exercem o ministério da salvação, o primeiro lugar é ocupado pelo Sumo Pontífice, não presta a honra devida a Deus quem se recusa a prestar a reverência e a obediência devidas ao mesmo Romano Pontífice. Por isso, São Boaventura, homem bondoso e compreensivo, não hesitou em proferir estas graves palavras: «Portanto, não pode encontrar-se dentro da unidade eclesíástica quem se afasta da obediência devida àquele que está sentado na cátedra de Pedro» (São Boaventura, *Quaestiones disputatae de perfectione evangelica, q. 4, a. 3, 14: Opera Omnia, V, pág. 191*).

Deus, além disso, deve ser honrado na sua imagem, isto é, no homem, porque no Verbo eterno feito homem alcançou de algum modo uma dignidade divina. E como Cristo, como disse São Boaventura, «é ao mesmo tempo próximo e Deus, ao mesmo tempo irmão e Senhor, e ao mesmo tempo rei e amigo» (São Boaventura, *Itinerarium mentis in Deum, cap. 4, 5: Opera Omnia, VIII, pág. 307*), é preciso que o nosso amor abranja todos os homens e que não se limite a nenhuma das suas qualidades peculiares. Porque, assim como a nossa caridade tem a sua fonte em Cristo e Ele é ao mesmo tempo o seu fim, é necessário que esteja revestida da mesma universalidade com que Cristo nos amou (cf. *Jo. 15, 9*).

De igual modo, devem honrar-se os diversos estados da Igreja, dado que «o Restaurador do género humano dispensa diversidade de dons carismáticos, confere ministérios com grau e prelação diferentes, e até oferece exemplos diversos» (São Boaventura, *Apologia pauperum, cap. 6, 4: Opera Omnia, VIII, pág. 267*).

E embora seja verdade que em não poucos sectores se encontram pecados e defeitos, também é inegável que as sementes colocadas por Deus em todos os homens, longe de morrerem têm tal eficácia que, com a ajuda da graça divina, podem converter uma pessoa má em boa. Por isso, no meio de tantas dificuldades que, nalgumas ocasiões, fazem com que a vida humana não esteja de acordo com a fé, nem consiga tributar a Deus a honra que Lhe é devida, não se deve cair no desespero, porque a misericórdia de Deus é maior do que a nossa miséria e o próprio peso dos benefícios divinos pode aproximar-nos de Deus (cf. São Boaventura, *In Joannis Evangelium commentarium, Collectio XXVIII, 5: Opera Omnia, VI, pág. 567*). E como o sumo benefício concedido por Deus à humanidade é a Encarnação do mesmo Deus, por Cristo e em Cristo os homens têm a força suficiente para passarem entre as coisas temporais, sem perderem as eternas. Graças a esta suprema efusão do amor divino, toda a criação, embora continue a encobrir o perigo de afastar de Deus, em virtude da Encarnação pode conduzir a Deus de um modo ainda mais excelente.

ALMA CONTEMPLATIVA

A criação é como um livro que deve ler-se à luz das Sagradas Escrituras, que incitam a conhecer, louvar e amar a Deus. E como ninguém pode chegar à plena compreensão das mesmas divinas Escrituras, senão por meio da cruz de Cristo, o qual cumpriu tudo o que elas contêm, derramando a verdade de Deus (cf. São Boaventura, *In Exaëmeron commentarium, Collectio XIII, 12: Opera Omnia, V, pág. 390; In Evangelium Lucae commentarium, cap. 4, 45 e cap. 16, 33; Sermones de tempore, Feria Sexta In Parasceve, Sermo 2: Opera Omnia, IX, pág. 28 b*), é necessário que todos imitemos a Cristo crucificado, que veio para afastar o homem do amor pelas coisas terrenas e para o induzir ao amor de Deus (cf. São Boaventura, *Sermones de tempore, Dominica Prima Adventus, Sermo 3: Opera Omnia, IX, pág. 28 b*) e sofreu por nós, dando-nos o exemplo, a fim de que sigamos os seus passos (cf. **1 Ped. 2, 21**).

Mas este seguimento de Cristo induz a uma reforma contínua e converte-a numa tendência espiritual recta, cujo objectivo consiste em que todas as coisas voltem àquele estado primitivo, que receberam do Verbo, incriado, pelo Verbo encarnado que é reformador do género humano (cf. São Boaventura, *Breviloquia, p. 6, cap. 13: Opera Omnia, V, pág. 279 b*). Porque, sendo Cristo «ao mesmo tempo peregrino deste mundo e compreensor de Deus no céu — *viator et comprehensor*» (São Boaventura, *De rebus theologicis, Sermo 4, 19: Opera Omnia, V, pág. 572*), ao acompanhar o itinerário terrestre de todos os homens, convida-os, também a todos, a acompanharem-n'Os até ao céu. De onde se deduz que a vida do homem sobre a terra é, por sua própria natureza, uma peregrinação escatológica, isto é, um itinerário, ou um retorno a Cristo com Cristo «do qual procedemos, pelo qual vivemos e para o qual tendemos» (*Lumen Gentium, n. 3*).

São Boaventura apresenta como exemplo deste itinerário o seu Pai São Francisco que, no Monte Alverne, se conformou de forma particularíssima a Cristo crucificado, celebrou a «páscoa» com o Senhor, consumando, de certo modo, a «passagem» para Deus. Com este luminoso exemplo, todos os homens são convidados a efectuarem a mesma «passagem» (cf. São Boaventura, *Itinerarium mentis in Deum, cap. 7, 2-2: Opera Omnia, pág. 312*).

Ao elaborar este itinerário da mente para Deus, São Boaventura superou a tal ponto os mais altos cumes da mística que, em relação a esta doutrina, «facilmente pode ser reconhecido como príncipe» (Leão XIII, *Allocutio ad Professores Collegii Sancti Antonii de Urbe, habita 11 Novembris 1890: Acta Ordinis Minorum, 1890, pág. 177*). Pois bem, ele é da opinião de que toda a pessoa justa deve buscar a contemplação de Deus para desta forma chegar à posse daquele bem infinito que enche a alma, apesar de ela ter uma capacidade finita (cf. São Boaventura, *In secundum librum sententiarum commentarium, Distinctio 1, a. 3, q. 2, 2: Opera Omnia, I, pág. 41 b*).

Além disso, também crê São Boaventura que são dignos de repreensão aqueles que «ao mesmo tempo que querem elevar-se ao cume da contemplação, querem também descansar e recusam-se a descer para o trabalho da acção» (São Boaventura, *In Evangelium Lucae commentarium, cap. 1, 62: Opera Omnia, VII, pág. 236*). Uma vez que a perfeição leva à caridade, o homem deve entregar-se ao serviço do Reino de Deus tanto mais quanto mais está unido a Deus.

O mesmo São Boaventura praticou estas duas formas de vida, a contemplativa e a activa, necessárias para alcançar a bem-aventurança, procurando que, de algum

modo, a contemplação viesse a acabar em acção. Com efeito, desempenhou de tal forma o cargo de Geral da sua Ordem que aumentou o mérito da virtude na grei que lhe tinha sido confiada, foi fechada a porta aos vícios e os costumes foram submetidos à disciplina (cf. São Boaventura, *Epistolae Officiales*, II, 1: *Opera Omnia*, III, pág. 712). Tendo sido elevado à dignidade cardinalícia, correspondeu de tal modo às expectativas do Sumo Pontífice, que, com ele, pôde dedicar-se ao culto divino e ao serviço da Igreja universal (cf. São Gregório X, *Epistolae Fratris Bonaventurae Ordinis Minorum Generalis Ministri: Bullarium Franciscanum*, III, pág. 206 a).

De igual modo pensava o Doutor Angélico ao exaltar a actuação da vida activa «que nasce da plenitude da contemplação» (São Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, II-II^a, q. 188, a. 6); São Boaventura associou-se-lhe, do mesmo modo que na altura de levar o jugo do Senhor São Francisco se uniu a São Domingos (cf. São Boaventura, *Sermones de Sanctis, De Sancto Dominico: Opera Omnia*, IX, pág. 565 b). Por tudo isto, estes dois lumináres da Igreja continuam ainda nos nossos dias a ser «os dois príncipes da Teologia» (Pio XII, *Litterae Encyclicae Sacrae Virginitas: Acta Apostolicae Sedis*, 1954, pág. 165), e brilham com um duplo fulgor diante de todo o povo santo de Deus.

Com o que acabámos de dizer demonstra-se que São Boaventura, apesar dos sete séculos decorridos desde a sua morte, continua a ser válido mestre de doutrina e de vida, com as suas palavras e acções. Unimos as nossas às suas palavras, exortando todos os filhos da Igreja a fixarem os olhos em quem agiu deste modo (cf. Flp. 3, 17).

É-nos grato também dirigir a Deus aquela oração que dizemos no dia que lhe é dedicado: «que beneficiemos da sua preclara erudição e emulemos constantemente o fervor da sua caridade» (*Missale Romanum*, Typographia Polyglotta Vaticana, 1970, p. 578).

Mensagem de S. Boaventura: convite ao homem para reconquistar a sua verdadeira autenticidade e chegue à plenitude da sua personalidade *

PAULO VI

De muito boa vontade fizemos o breve percurso que da Nossa morada Nos trouxe até aqui.

A circunstância que deu motivo a esta Nossa visita e a solicitude de Pastor de todo o Povo de Deus, que sempre guia os nossos pensamentos e dirige os Nossos passos, fazem-Nos partilhar os mesmos sentimentos que enchem a alma de

* Discurso do Santo Padre, tido no «Seraphicum», aos participantes no Congresso Internacional comemorativo do sétimo centenário de S. Boaventura. Cf. «L'Osservatore Romano», ed. portuguesa, de 29/IX/1974, pp. 4-5.